

Eu que nunca li Beckett

Acudam ao Mestre, que o matam! No Monte Estoril, na casa de férias dos meus avós maternos, o meu pai lia em voz alta pela noite dentro. Nós, os filhos, sentados à volta da mesa, cabeceávamos em silêncio, cheios de sono. O vento arremetia entre as torres de apartamentos com um ímpeto de fera aprisionada. Na rua, quando íamos a caminho do carro estacionado, as rajadas atiravam-se a mim, enroscavam-se-me nas pernas, sacudiam-me, empurravam-me para trás. Apavorado, dizia a mim próprio que bastaria dar um pequeno salto, perder o contacto com o chão durante meio segundo, para ser erguido no ar e arrastado para muito longe dali. Nos meus pesadelos, o meu pai, a minha mãe e os meus irmãos, ao verem-me desaparecer assim, varrido pela ventania, seguiam-me com o olhar, impávidos, depois continuavam em frente, abriam as portas do carro e instalavam-se nos bancos, ensimesmados, prontos a arrancar para Lisboa, como se o sucedido fosse um cataclismo tão triste quanto inevitável, que urgia esquecer. Morto o Conde Andeiro, Leonor Teles mandou perguntar ao Mestre se a ia matar também a ela. Havia pinhais no meio dos prédios, talhões rectangulares ainda virgens, mas já sitiados, sisudos como homens no corredor da morte. Ladravam cães no escuro. O apartamento ficava no rés-do-chão, diante de uma dessas manchas de arvoredo de limites traçados a régua e esquadro, como certos troços das fronteiras de Angola e de Moçambique. O meu pai pousava o livro, ia à varanda e disparava a espingarda de pressão de ar para calar o ladrido. Todos despertávamos então do torpor. Os cães não se calavam.

O meu pai ofereceu-nos, um após outro, todos os álbuns do Tintim, que lemos milhares de vezes, até os sabermos de cor. Adorávamos *Tintim na África*, com o seu racismo grotesco, pueril, feito à nossa medida. Mas sobre o *Lucky Luke* e o *Astérix* pesava um misterioso anátema, e não só esses álbuns nunca entraram lá em casa como nos foi dito, sem mais explicações, que eram «uma merda». Qual era a diferença entre o Tintim e o Astérix? O que é que interditava o Astérix e tornava o Tintim recomendável? Ninguém sabia. Uma vez, uma tia ofereceu a uma das minhas irmãs um livro da colecção *Os Cinco*. O meu pai entrou no quarto das crianças, onde estávamos reunidos, apoderou-se do livro, saiu. Percebemos depois, vendo as páginas estraçalhadas no lixo, que ele o rasgara aos bocados. Ficámos a saber que *Os Cinco*

eram também obras proibidas. O meu pai não explicou porquê. Provavelmente, não saberia explicar. Ter-se-ia limitado a dizer que eram «uma merda». Os livros eram objectos poderosos, capazes de nos corromper, capazes de destruir num ápice todos os ensinamentos por ele laboriosamente inculcados em nós. Era preciso combater certos livros sem dó nem piedade, como quem combate um micróbio patogénico. Queimar as casas dos doentes, os haveres, não deixar pedra sobre pedra, para evitar a contaminação. Também isto ficámos a saber naquele dia.

Depois de verem o Mestre aparecer à janela do paço e de se certificarem de que ele estava são e salvo, os plebeus arremeteram em chusma para a sé e mataram o bispo. A descrição era pormenorizada, repleta de detalhes escabrosos, e nós ouvimos essa parte com muita atenção. O meu pai lia com uma dicção impecável, sem deixar cair uma única sílaba. Era um médico à força, um literato frustrado. Foi o primeiro licenciado da família. Adorava livros, mas via-se que não crescera no meio deles. Pegava-lhes como quem pega em objectos sagrados, em alfaias de uma liturgia recém-aprendida. Parecia um bárbaro convertido havia pouco ao Cristianismo, fascinado pelos mistérios da fé, que não domina. Creio que ele tinha dificuldade em interpelar os livros, em dialogar com eles, em tratar os autores como seus iguais. Depois de ler um livro, guardava-o na estante, e era como se não lhe tivesse tocado. Os livros saíam-lhe das mãos absolutamente imaculados. Não havia uma só página dobrada ou amarfanhada. A capa não exibia um único vinco. Os sublinhados, quando existiam, eram traçados a régua, precisos, impecavelmente rectilíneos. O meu pai tinha um certo medo dos livros.

Há coisas que demoramos uma vida inteira a aprender. Há coisas de que só nos libertamos ao cabo de várias gerações. Tenho com os livros e com a literatura uma relação em tudo semelhante à do meu pai. Como ele, sou um neófito, um viquingue asselvajado, convertido em criança à nova religião. Nunca li Beckett. Há na minha cultura literária enormes lacunas. Fui descobrindo os autores aos tropeções, ao sabor do acaso. Mais tarde, ao sabor das traduções que fui fazendo, a pedido das editoras. Só li os dois primeiros volumes de *Em Busca do Tempo Perdido*. Perdi-me a meio do terceiro. De Agustina, só li *Fanny Owen*. Peguei n' *A Sibila*, mas logo deixei que outro livro se lhe atravessasse no caminho, a marca ficou metida entre a página vinte e oito e a página vinte e nove. Quando acabo de ler um livro, ou quando o abandono antes de acabar, como sucedeu com *A Sibila*, guardo-o na estante e está intacto, as páginas imaculadas, a capa sem um arranhão. Os sublinhados, quando os há, foram por mim traçados a régua, impecavelmente rectilíneos, para não desfear as páginas, não as macular.

Uma vez, um amigo disse-me que gostava muito de Agustina, mas que ela escreve aforismos sobre aforismos, uma avalanche de aforismos, e que, na página 100, escreve um aforismo que contradiz um outro que ela enunciou na página 50. Mas que a escrita dela é assim mesmo, ela está-se nas tintas para a coerência, constrói magníficos castelos, disformes e caóticos. E aquele comentário pareceu-me uma sùmula perfeita da escrita de Agustina, e dei-me conta de que, como o meu pai antes de mim, não sou capaz de abocanhar uma obra literária e de a descartar assim, até ao osso, sem dó nem piedade, sem respeito nem reverência, com um amor desbragado e rude, como o meu amigo acabara de fazer com Agustina. Quando abro um livro e o leio, a escrita submerge-me e sufoca-me como a água de um baptismo.

Temo as águas profundas que adivinho na obra de certos autores. Nunca tentei, sequer, ler Beckett. Tive em casa a poesia completa de Herberto Helder, ofereci o volume já não sei a quem, depois de ter aflorado dois ou três poemas, sem os entender, sem os conseguir apreciar. Como quem cede a um vício, recaio uma e outra vez na leitura das memórias de figuras obscuras, que me prodigalizam um maná de pormenores comezinhos, curiosidades triviais, detalhes onde julgo entrever grandes verdades. As memórias de Madame Campan, camareira de Maria Antonieta. As memórias de Bernal Díaz del Castillo, soldado de Cortés. Ou então os cronistas, Suetónio, Fernão Lopes, João de Barros. Evito as reflexões que rodopiam, impetuosas, até bem alto, ganhando distância em relação ao palpável, que ameaçam arrancar-me do chão como aquele vento furioso a rondar os prédios do Monte Estoril. Prefiro os lugares protegidos, onde me sinto em casa. Para ler a *Ética*, de Espinosa, pousada na minha secretária há meses, socorro-me de ensaios explicativos, como quem faz sandes mistas com um queijo de sabor exigente, como quem dilui em água um vinho forte.

O meu pai, que se rebelou contra o autoritarismo da mãe, que o obrigou a ser médico, e contra o autoritarismo da ditadura de Salazar, que o obrigou a fazer a guerra, tinha dificuldade em se rebelar contra o autoritarismo da palavra escrita. Não era capaz de dizer de um escritor que, pelos seus padrões, fosse um autor consagrado: «É uma merda.» Ou, sequer: «Não gosto.» E muito menos: «Não entendo.» Preferia calar-se, não dizia nada. Mas mesmo em relação aos escritores de que muito gostava, Torga, Namora, Eça, Cardoso Pires, Lobo Antunes, Saramago, nunca o ouvi a compará-los uns com os outros. Nunca o ouvi a fazer comparações entre os vários romances deles, a traçar a evolução da obra de cada um. Entrava nos livros em silêncio, como numa igreja, não tocava nos altares,

limitava-se a contemplá-los com fervor. Repetia as fórmulas rituais. Parecia sempre receoso de que o apanhassem em falso.

Legou-me este amor estranho pela literatura, esta transgressão inebriante em que nos sentimos sempre a invadir uma propriedade privada, um lugar onde, a qualquer momento, alguém irá aparecer e gritar-nos: «Fora daqui!» Um lugar de quietude, porque, se fizermos barulho, surge um vulto numa varanda iluminada, a disparar a eito uma espingarda de pressão de ar. Um lugar de vertigem culpada e deliciosa, como se estivéssemos a apoderar-nos de alguma coisa que não nos pertence. Um lugar a perder de vista, de que só percorro uma ínfima parte, cheio de territórios imensos onde não me aventuro, demasiado inóspitos, demasiado gélidos. Vivo apavorado com a ideia de que, um dia, me irão convidar para falar sobre Beckett. Passo muito tempo a urdir desculpas credíveis para me esquivar ao hipotético convite, que, muito provavelmente, nunca virá.

No mato, durante a guerra colonial, com trinta anos, o meu pai completou a sua educação literária. Nas suas minúsculas agendas de guerra, onde tomava notas numa caligrafia microscópica, registou a data em que começou a ler cada livro, a data em que o terminou, por vezes uma breve apreciação. Nestas páginas translúcidas, de papel-bíblia, tenho com ele uma derradeira conversa sobre livros. Afinal de contas, não conversámos assim tanto sobre livros como eu gostaria. Não conversámos assim tanto como eu gostaria. *O Ingénuo*, de Voltaire, lido em quatro dias: «É muito curioso.» *Histórias de Mulheres*, de José Régio, lido em nove dias: «É bom (o conto “O Vestido Cor de Fogo” é excepcional).» As opiniões são fugazes, lapidares. Não há espaço para mais. Ou talvez ele tenha escolhido agendas assim, minúsculas, para não ter de se alargar em opiniões, em comparações, para não ter de apresentar os porquês dos seus veredictos. *Gabriela, Cravo e Canela*, de Jorge Amado, lido em cinco dias: «Sensacional!» No início e no final das agendas, nas folhas de guarda, há citações em letra miniatural, os trechos de cada livro que mais o marcaram. Há citações cujo conteúdo foi, obviamente, ditado pelo contexto daquela guerra:

«Começava a notar no outro os primeiros sinais dessa desagregação que acaba fatalmente por destruir o corpo e o espírito de todo o branco que fica muito tempo exposto ao clima físico e moral dos trópicos...» (Erico Veríssimo, *O Prisioneiro*)

Há outras com laivos de premonição:

«— O amor — repetia — é um acto sincero que ocorre, no casamento, entre estas duas garantias de felicidade individual: noivado e divórcio.» (Maurice Bedel, *Jerónimo a 60º de Latitude Norte*)

Há ainda outras em que ressoam, talvez, os medos e angústias existenciais do meu pai, a que ele próprio se recusava a dar voz:

«Torna-se quase espantoso que se possa atravessar certas crises de espírito, continuando a viver, afinal, como de costume. Ou pode ser, então, que a prática de uma vida mecanizada e mesquinha em parte nos defenda da angústia. Cada manhã que me nascia depois de uma noite de tortura — não me era senão o começo de mais um dia de penoso esforço ou morno desespero, sombrio desleixo. Todavia, eu mantinha a aparência de quase cumprir as minhas obrigações na forma do costume.» (José Régio, *Histórias de Mulheres*)

Há nestas citações, na maneira desenraizada e aleatória como se sucedem nas páginas, na ausência de fio condutor a uni-las, qualquer coisa dos esforços de um explorador em terras virgens. O meu pai tentava apoderar-se do que lera, tentava resumir os romances usando as palavras dos próprios autores. Também eu, em jovem, copiei longas citações dos livros que fui lendo. Um dia, percebi que, com as armas intelectuais ao meu dispor, estava condenado, para entender plenamente um romance, a copiá-lo na íntegra. E talvez tenha sido este o caminho que me levou à tradução literária, por onde andei tanto tempo antes de começar a escrever em nome próprio.

No mato, no Norte de Moçambique, a 26 de Março de 1969, o meu pai escreveu na agenda: «Comecei a ler um livro de Charles Dickens (*O Mistério de Edwin Drood*).» Não anotou quando é que terminou esta leitura nem qual a sua apreciação do livro, deixando inacabado este registo. O que, em certa medida, faz sentido, porque *O Mistério de Edwin Drood* foi o romance que Dickens, ao morrer subitamente, deixou inacabado. Mas o meu pai anotou no final da agenda, também no caso deste romance, uma citação:

«Era tão simplesmente e firmemente fiel ao seu dever nas grandes coisas, como nas pequenas. São sempre assim os corações sinceros. Nada é pouco importante para os grandes corações.»

Já depois de ele morrer, mas antes de as agendas dele me terem vindo parar às mãos, quis o acaso que eu traduzisse *O Mistério de Edwin Drood*. E eis como traduzi o mesmo trecho:

«Cumpra os seus deveres de modo singelo e firme, tanto nas ocasiões grandiosas como nas situações comezinhas. É assim que agem todas as almas sinceras. É assim que sempre agiram, sempre agem e sempre agirão as almas sinceras. Não há assuntos menores para os espíritos genuinamente notáveis.»

No meio dos gritos, da escuridão, da ventania, dos tiros a oito com a espingarda de pressão de ar, o meu pai passou-me um testemunho que só irá dar frutos depois de eu morrer, nas minhas filhas ou nos filhos delas. Há caminhos que não se podem percorrer numa só vida, que exigem várias gerações para ser trilhados. Há coisas que demoramos uma vida inteira a desaprender. O medo demora a dissipar-se. O medo do olhar dos outros, o medo do escuro, o medo de que as palavras dos outros nos contaminem. Espinosa escreveu que o homem livre não pensa na morte. E que, quanto melhor entendemos o mundo e os outros, menos inquietos nos sentimos. Gosto de pensar que sou mais livre do que o meu pai, mas não sei se é verdade. Espero que as minhas filhas sejam mais livres do que eu. No escuro, os cães não se calavam. Provavelmente, nunca lerei Beckett.